

*Helena
Cidade
Moura **

O problema das aspirações profissionais: algumas notas

1. Estas notas representam uma tentativa de determinar em que sentido se revelam as aspirações profissionais dos alunos do liceu que recorreram aos serviços do Instituto de Orientação Profissional nos anos de 1955 e 1965 e verificar se as aspirações profissionais desses alunos encontraram correspondência na forma como se diversifica a população do ensino superior. Será, por hipótese, uma sondagem na mentalidade geral que a realidade social reflecte.

A amostragem de cem alunos, que serviu de base experimental, é constituída por dois grupos, semelhantemente constituídos, de orientandos do 5.º e 7.º ano liceal com nível intelectual médio e médio-superior sem atraso escolar.

Estes alunos foram ao Instituto não por qualquer desajuste escolar, mas por uma hesitação proveniente duma pluralidade de interesses ou de maior consciência no significado da escolha. Os alunos examinados pertenciam todos à região escolar de Lisboa.

Para determinar em que sentido se encaminharam as preferências profissionais da amostragem estudaram-se as respostas à pergunta, do questionário, sobre qual a profissão desejada.

2. Numa primeira análise, verificou-se, nesta amostragem, que o curso liceal é, cada vez mais, considerado via de acesso aos estudos superiores. De facto, em 1955, 75 % dos alunos que constituem a nossa amostragem encara a hipótese do prosseguimento dos estudos universitários e, em 1965, 90 %.

* Professora do Instituto de Orientação Profissional.

Entre os cursos não universitários¹ há referência em 1965 aos cursos de Secretariado, Turismo e Relações Públicas. O interesse por estes cursos deve-se certamente ao desenvolvimento deste sector, à facilidade de acesso e à boa remuneração do trabalho. A criação de várias escolas com programas modernizados, métodos de ensino mais directo e que ministram uma boa preparação prática, condicionou aumento de interesse e dignificação profissional. A percentagem de alunos interessada por esta actividade passou de 0 % em 1955 a 4 % em 1965.

A carreira de comerciante teve sorte inversa; mencionada em 1955, desaparece por completo na amostragem de 1965. A ela se dedicarão, por hipótese, os alunos das escolas técnicas comerciais e aqueles que por aprendizagem ou hereditariedade social são para ela encaminhados.

Se atentarmos mais detalhadamente, verificamos que os cursos de Farmácia e Agronomia que, em 1955, eram preferidos numa percentagem respectivamente de 4,4 e 1,4 % são em 1965 preferidos por 2,2 e 1,1 %. O curso de Veterinária não é mencionado nem na amostragem de 1955, nem na de 1965.

O curso de Engenharia durante os anos observados está no topo da percentagem do interesse, em relação aos outros cursos: em 1955 a percentagem é de 31,3 % e em 1965 é de 35,5 %.

O curso de Ciências Económicas e Financeiras é preferido por 7,4 % dos alunos em 1955 e por 7,7 % dos alunos em 1965: isto corresponde a um simbólico aumento de interesse não expressivo da grande afluência de matrículas nesse curso. Talvez por se tratar duma actividade menos evidente ao grande público, que conhece mais ou menos o que é o trabalho dum engenheiro ou dum médico, mas que desconhece qual a actividade dum economista. Como falta informação profissional, os alunos avançam às cegas. A entrada franca da alínea G, que substitui o Desenho, a Física e as Ciências Naturais, pela Geografia, Inglês e História é talvez a mais segura explicação para a afluência a um curso que apenas vagamente é mencionado nas aspirações profissionais dos alunos.

Os cursos que possibilitam a investigação, sendo vagamente mencionados em 1955 (1,4 %), alcançam em 1965 uma percentagem de 6,6 %, graças provavelmente ao interesse suscitado pela investigação científica nos campos actuais da física.

O professorado conhece um grande aumento de interesse: de 1955 a 1965 passa de 8 % a 14 %. Entre os orientandos do I. O. P., sòmente as raparigas se mostram interessadas pela car-

¹ Em 1955, 14 % preferem cursos médios, 11 % as carreiras de aviação, marinha e exército, em 1965 as percentagens correspondentes são respectivamente 4 % e 6 %.

reira do professorado. Pode, de resto, concluir-se através da entrevista, que este caminho não representa um desejo de profissionalização mas, pelo contrário, uma fuga à profissão. Esta escolha exprime a esperança de se poder conciliar o exercício dum emprego subsidiário com uma vocação de mãe de família, que se espera ver realizada. Exprime não o ideal de educar outras crianças que não as próprias ou de combater de forma activa a ignorância e trabalhar na valoração das massas, mas funciona mais como uma carteira de seguros contra possíveis acidentes¹.

Em consequência do que ficou indicado se poderá concluir que, desde 1955 a 1965, os alunos do 5.º e 7.º ano do liceu, que fizeram exame de orientação no I. O. P. de Lisboa, permaneceram interessados, em primeiro lugar, pela Engenharia. A grande baixa dá-se na Medicina, que passa a interessar de 1955 a 1965 menos de metade dos alunos, enquanto que o Direito aumenta a percentagem dos seus adeptos e coloca-se, numa escala de interesses, logo a seguir à Engenharia. O curso de Ciências Económicas e Financeiras também cresceu no interesse dos alunos observados, como vimos.

Os cursos de Agronomia, Veterinária e Farmácia tendem a ser esquecidos pelos orientandos do I. O. P.

Este é o panorama que se constrói no terreno das hipóteses e dos desejos.

3. A pergunta sobre a profissão preferida faz parte dum questionário que o aluno preenche antes de qualquer contacto com o psicotécnico e é seguida por outras perguntas sobre se a escolha é feita de *motu próprio* ou por influência de pais ou amigos. Raros são os que se declaram influenciados por alguém, mas a verdade é que o hábito de o aluno sentir a sua imaginação vigiada por quantos representam o saber, a autoridade, influi necessariamente na sua possível liberdade. A sua própria vivência é, além disso, consciência dos limites, que socialmente se lhe impõem. A resposta a uma pergunta que diz respeito à sua relação com o mundo é normal venha sobrecarregada de muitos elementos do meio ambiente. A vocação é uma fonte íntima de energia, uma afirmação individual, mas insere-se, evidentemente, no contexto social em que terá de se expressar.

Tentámos assim verificar se estas ambições profissionais

² Esta não profissionalização, que a falta de professores favorece pela facilidade de acesso, é profundamente atentória da melhoria do ensino. O excessivo estatismo dos programas, o excessivo número de alunos, tudo serve de motivo para se transformar uma atitude de colaboração e de estudo em equipa, numa atitude de fiscalização e de «dressage» para a corrida de obstáculos que é o exame. Neste circuito muita criança fica traumatizada e a muitas se cortam as possibilidades morais e materiais de prosseguir.

encontram correspondência no processo por que se diversifica a população estudantil que termina o curso secundário.

Considerámos as aspirações profissionais dos alunos do 5.º e 7.º ano dum mesmo ano escolar atendendo à distribuição por alíneas; considerámos também as matrículas da universidade do mesmo ano. Quer dizer que eliminámos desta sondagem o factor tempo, por nos parecer que, dada a interligação de relações e influências, um corte transversal na realidade social seria mais expressivo do nosso objectivo, do que o acompanhar uma geração através do 5.º e 7.º ano até à matrícula na Universidade. Referimos também apenas as matrículas na Universidade de Lisboa, zona liceal estudada. Esta delimitação geográfica não será talvez inibitória duma visão mais generalizada, já que mais de 50 % da população universitária do País está matriculada na Universidade de Lisboa.

Assim, comparando o quadro de matrículas da Universidade com as conclusões da nossa amostragem, verificamos que o aumento ou diminuição das percentagens das aspirações dos orientandos observados se traduzem duma forma relativamente paralela na oscilação das matrículas.

Estabelecimentos de ensino	Matrículas		Aspirações Profissionais	
	1955 %	1965 % ¹	1955 %	1965 %
Faculdade de Direito	10,1	11,6	14,9	21
Faculdade de Medicina	16,4	10,0	26,8	10
Faculdade de Letras	16,5	27,8	11,9	15,5
Faculdade de Ciências	21,4	18,1	1,4	6,6 ²
Escola de Medicina Veterinária	2,1	1,1	—	—
Escola de Farmácia	3,5	1,9	4,4	2,2
Instituto Superior de Agronomia	6,5	3,6	1,4	1,1
Instituto Sup. de C. E. e Financeiras ...	10,0	10,2	7,4	7,7
Instituto Superior Técnico	13,5	15,3	31,3	35,5

¹ Estas percentagens são em relação ao total de alunos da Universidade de Lisboa.

² É possível que a percentagem de alunos dos cursos de Física tenha aumentado, apesar do total ter relativamente baixado, mas é impossível determinar por não podermos obter a discriminação das matrículas

Como vemos há uma certa correlação entre o desiderativo e as matrículas nos cursos respectivos: mas o que neste quadro aparece de mais flagrante é a situação da Faculdade de Medicina

que em 1955 tinha uma posição idêntica à Faculdade de Letras e que em 1965 se encontra reduzida a quase metade dos alunos inscritos. Também apenas metade dos alunos da nossa amostragem escolheram medicina em 1965 e isto não porque o curso tivesse deixado de interessar, mas pela sobrecarga enorme que representa para as famílias um curso longo, dispendioso e que não oferece garantias de trabalho razoavelmente remunerado, terminado o curso.

Vemos que diminuíram as percentagens de matrículas em: Medicina, Veterinária, Faculdade de Ciências, Farmácia e Agronomia; diminuiu a percentagem de interesse em Medicina, Farmácia, Agronomia não sendo o curso de Veterinária mencionado.

Por outro lado, aumentou o interesse nas Faculdades de Direito e Letras e nos Institutos de Económicas e Financeiras e Técnico. No caso da Faculdade de Ciências já vimos que nos faltam números específicos para podermos concluir da diversificação dos cursos. Nos quatro primeiros estabelecimentos de ensino superior, acima mencionados, o número de matrículas aumentou.

Esta situação é confirmada pelos números globais: em 1955, 66% dos estudantes da Universidade de Lisboa pertencia à Universidade Clássica e 34% à Universidade Técnica, em 1965 os números são, respectivamente, 67,7% e 32,3%; acresce, como vimos, que estes números poderão ser significativos do país pois que em 1955, 44,5% dos estudantes universitários do país frequentavam a Universidade de Lisboa e em 1965, 57,7%.

Se agora atribuímos ao ano 1955 o valor 100, podemos ordenar os cursos pelo seu maior índice e melhor verificar como se escalonou esse aumento.

A Faculdade de Letras teve um aumento espectacular, se

Estabelecimentos de ensino	Alunos Matriculados		
	Índice 1955 = 100	1955	1965
Faculdade de Letras	326	1 296	4 225
Faculdade de Direito	222	796	1 772
Instituto Superior Técnico	216	1 075	2 330
Instituto Sup. de Ciências Econ. Financ.	197	790	1 563
Faculdade de Ciências	163	1 681	2 755
Instituto Superior de Agronomia	122	455	558
Faculdade de Medicina	119	1 286	1 531
Instituto Superior de Med. Veterinária	101	171	173

pensarmos que o índice de crescimento dos estudantes de Lisboa é de 194 entre os anos 55-65.

Este acréscimo deve-se às raparigas que aumentaram na Faculdade de Letras quatro vezes mais (índice 431), enquanto os rapazes têm apenas o índice 175.

A invasão feita pelas raparigas nos cursos superiores, durante este período de dez anos que estamos a estudar, é verdadeiramente notável; assim: o índice que marca o acréscimo de rapazes, tomando por base o ano 1955 e referindo-nos ao ano 65 é 160, enquanto que o das raparigas é 279.

Em quase todos os cursos, exceptuando a Farmácia, foi maior o aumento de raparigas e se fizermos um quadro com o índice de aumento separando os rapazes das raparigas, teremos:

Alunos Matriculados			Estabelecimentos de ensino	Alunas Matriculadas		
1955	1965	Índice 1955 = 100		Índice 1955 = 100	1955	1965
706	1 505	213	Fac. Direito	296	90	267
672	1 287	191	I. S. C. Financeiras	226	118	270
1 002	2 059	205	I. S. Técnico	371	73	271
534	936	175	Fac. Letras	431	762	3 289
1 104	1 519	137	F. Ciências	214	575	1 236
61	68	111	F. Farmácia	105	216	228
954	1 057	110	F. Medicina	142	332	474
420	450	107	I. S. Agronomia	308	35	108
168	161	96	E. S. M. Veterinária	400	3	12

Como vemos, as raparigas inundaram a Universidade. Se é indispensável para o país que as mulheres tenham um nível de cultura capaz de se aperceberem duma forma livre e exacta das responsabilidades que lhes cabem, parece-nos por outro lado este pequeníssimo aumento da população masculina um factor duma certa gravidade e que poderá, em hipótese, radicar-se no grande número de rapazes que são recrutados para a tropa ao terminarem o 3.º ciclo, ou com o 3.º ciclo incompleto.

A subida de 1 % em 1950 para 7,4 %, em 1955, na escala de interesses suscitada pelos cursos de Ciências Económicas e Financeiras traduz-se pela criação de uma nova faculdade de Economia em 1955, de que resulta uma subida de 604 alunos entre 1950-60, do número total de estudantes desta especialidade e uma baixa de matrículas na Escola de Lisboa apenas de 100 alunos. Em 1965 mantem-se a subida de interesse e a subida do número dos alunos

inscritos: em Lisboa inscreveram-se em 1965 mais 427 do que em 1960, apesar da nova Faculdade do Porto ter tido um acréscimo de 312 alunos.

Quanto aos cursos da Faculdade de Letras, o aumento do número de matrículas foi de 2949 alunos entre os anos 1955 e 1965. É um acréscimo impressionante: em 1965 a Faculdade de Letras tem mais de um quarto da população universitária de Lisboa e mais de metade da população feminina da Universidade. Pelo avultado número de raparigas que a frequenta poderemos talvez concluir que a Faculdade de Letras representa ainda, para uma grande camada da população, na cultura geral e na aprendizagem que possibilita, uma forma nobre de manter uma educação feminina, intimista, que ainda hoje encontra numerosos adeptos. Apesar de tudo e limitada embora por um tipo de vida que vagarosamente evolui, a rapariga portuguesa vai procurando consciencializar-se e responsabilizar-se, de tal modo, que dos orientandos do I.O.P., em 1955, só 27 % eram do sexo feminino e em 1965 essa percentagem subiu para 42 %.

4. Vimos, pelos dados mencionados, que uma pequena sondagem ao nível das aspirações denuncia o estrato da sociedade ao nível das realizações.

Tentar explicar, por exemplo, por que numa sociedade que tende para a industrialização os estudantes não afluem numa forma diferenciada aos cursos técnicos e pelo contrário se sentem atraídos pelos cursos de Direito, é problema que não pode ser reduzido às explicações do mercado de trabalho. Entre um finalista de Engenharia e um finalista de Direito, as perspectivas de futuro não serão muito diferentes. Haverá antes, talvez, uma mentalidade que se recusa à valorização do trabalho específico que, ciosa do seu reino de ideias gerais, não quer enquadrar-se no terreno sempre limitado das realizações.

Esta mesma tendência se verificou há tempos num inquérito a finalistas dum curso de formação profissional de electricistas, cuja ascensão normal seria o Instituto Industrial, onde se formam agentes técnicos de Engenharia, ou então o curso de Engenheiros. Estes alunos que tinham já sete anos de estudo técnico, depois do ensino primário, denunciavam a aspiração de se empregarem como desenhadores ou como empregados de escritório; os poucos, que tencionavam seguir a carreira, especificaram desejar ser *engenheiros duma empresa*, designação que opunham a *engenheiro de obras* e nenhum se propunha formar-se em agente técnico de engenharia.

Os estudos feitos à nossa população activa denunciavam, por exemplo, demasiada percentagem de licenciados no pessoal altamente qualificado, de tal modo que, ao lado da França que tem

apenas 18 % de universitários entre o seu pessoal altamente qualificado, nós apresentamos uma percentagem de 33 %. Mantemos um culto apaixonado pelo bacharel; com um certo número de anos de esforço obtém-se um grau universitário que é um cartão de promoção ou de segurança social. Resulta daqui que os cursos médios são pouco numerosos e pouco diversificados, não há a preocupação duma preparação específica, porque esta não encontra estímulo económico e sobretudo não encontra estímulo social.

Os alunos que serviram de base à nossa amostragem, frequentaram já parte do curso do liceu e pelo seu nível intelectual elevado, serão testemunho duma camada mais liberta dos condicionalismos do nascimento, podendo usar com mais critério e independência o seu direito à escolha.

Na teia da realidade social, não é possível separar as causas dos efeitos, tudo se processa em circuito fechado, sendo o homem criador e sofredor dos seus próprios padrões mentais.

O que parece mais uma vez ficar claro, é que não basta tentar promover materialmente o progresso técnico: importa que, nas camadas profundas da realidade social, se processe a actualização indispensável da mentalidade, e isto será uma consoladora prova de grandeza espiritual do homem e da sua responsabilização no mundo que vai criando.

A mentalização necessária terá de ser feita evidentemente desde os primeiros tempos da escola.

Consciencializar os problema ao nível da Universidade é fazer uma amputação grave na realidade social. Já porque é mínima a percentagem dos alunos que chega aos cursos superiores, já porque esta percentagem está longe de representar a elite potencial do país.

A recente e reduzida obrigatoriedade escolar¹ não dá suficiente impulso para que as camadas menos cultas vençam o peso da tradição, as dificuldades materiais, criem necessidades novas; sobretudo porque são completamente desacompanhados de qualquer serviço obrigatório de orientação escolar.

O ensino em si não instiga ao conhecimento.

Há que começar a exigir no ensino primário uma expressão clara e simples da parte de professores e alunos. Os livros adoptados são um emaranhado de palavras onde às vezes se encontra uma frase de sujeito, verbo e predicado. O hábito da retórica balofa, na intenção de aumentar o vocabulário da criança, coloca-a, mal nasce, numa posição errada perante o conhecimento.

Esta posição é mantida por um ensino conceptual e historicista desligado da realidade presente.

³ O ensino da Telescola, pela pedagogia mais directa que utiliza e pela facilidade de expansão que tem será uma esperança de melhoria.

Todos sabemos que a aventura da técnica apaixona o que de poeta existe em cada criança. É a própria imagem do seu futuro. Num país onde se põem problemas de desenvolvimento económico acelerado, este sentimento não deve ser alimentado por livros traduzidos, que trazem mensagem como dum país de fadas, mas pela visita estudada, concreta, documentada às fábricas, às centrais, etc., a todos os monumentos de história presente que concretizem na sua terra essa aventura.

Um ensino que não evolui, dentro duma sociedade de élites hereditárias condiciona ao país, que necessitava duma marcha acelerada, um ritmo lento de cortejo histórico.

Alfredo
de
Sousa

A sobrevivência da Europa

1. Introdução

Dizem os russos que Kruschef estava dominado pelo «complexo americano» e pela «mania do milho». Nos seus sucessores, talvez esta «mania» se haja dissipado. Mas o «complexo americano» perdura, a julgar pelos recentes discursos do Presidente do Conselho russo sobre o estado da economia soviética, que é comparada quase sistematicamente com o, apesar de tudo, modelo americano. Aliás, parece que este «complexo» se propagou a toda a Europa, tanto do Leste, como do Oeste; se um certo anti-americanismo surge aqui e além, os dirigentes e responsáveis europeus não deixam contudo de admirar as realizações americanas, o dinamismo «buldozeriano» da economia dos Estados Unidos e tentam apreender o segredo da vitalidade do crescimento material da sociedade americana.

Ultimamente, porém, um certo público europeu principia a modificar a sua atitude em relação às realizações e sucessos americanos. A admiração reservada e acompanhada de sarcasmos sobre algumas inépcias dá lugar a uma admiração maior, mas agora não isenta de um certo temor. É que começa a perceber-se que as diferenças já não são meramente quantitativas, mas tendem a tornar-se qualitativas, segundo uma espécie de processo hegeliano; o atraso relativo da Europa tende a tornar-se, assim, mais profundo e menos recuperável.